

A EDUCAÇÃO E O “NOVO NORMAL”: uma análise do teletrabalho em período de pandemia

REIS, Jennyfer Gregório ¹ ; COELHO, Tatiana Costa ²

¹ Discente Graduação PEDAGOGIA

² Docente Graduação PEDAGOGIA



tatiana.coelho@unifagoc.edu.br

RESUMO

O presente artigo teve por objetivo analisar as transformações no ensino e nas práticas de ensino no sistema remoto, conhecido como o “novo normal”, apresentadas no contexto de crise sanitária em virtude da pandemia da COVID-19. Para isso, realizou-se uma pesquisa survey, com aplicação de um questionário estruturado a docentes e discentes de todo o Brasil, abrangendo todas as modalidades de ensino, de modo a verificar o impacto do ensino remoto em sua função de docentes, bem como avaliar os impactos no ensino sob a perspectiva dos discentes. Concluiu-se que, mesmo diante dessas mudanças de paradigma aceleradas pela pandemia, faz-se necessário ressaltar que, apesar de as novas tecnologias se tornarem ferramentas de grande valia, ainda existem desafios a serem superados, como é o caso da inclusão e da formação continuada do docente.

Palavras-chave: Novo Normal. Ensino Remoto. Novas tecnologias.

INTRODUÇÃO

No final de dezembro de 2019, o surto de contágio de uma doença conhecida por COVID-19 causada pelo vírus Coronavírus 2 da Síndrome Respiratória Aguda Grave -SARS-CoV-2) contou com encetamento descoberto na cidade de Wuhan – China, chegando a atingir mais de 180 países até o momento atual, assim causando uma pandemia mundial (LIMA et al., 2020), apresentando mais de 24 milhões de contaminados e 820 mil óbitos (MAAS, 2020). Sem conhecimentos específicos sobre a doença, o distanciamento social e as medidas de prevenção do contágio foram a melhor opção até hoje, como é o caso do Brasil (AQUINO et al., 2020). Diante do vivido, diversos setores dos países foram gravemente atingidos, como econômico, sanitário, de saúde e, é claro, o setor da educação, fazendo com que a humanidade enfrente uma grave crise de proporção global.

No Brasil, o primeiro caso DE COVID-19 foi confirmado em 25 de fevereiro, após um pronunciamento do Ministério da Saúde relatando sobre o paciente, um homem de 61 anos que recentemente havia viajado para a cidade de Lombardia, no norte da Itália, a qual passava por um surto expressivo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Os casos confirmados foram aumentando consideravelmente no país, e, por consequência,

medidas protetivas foram adotadas, aderindo-se ao isolamento social com o intuito de diminuir as chances de contaminação.

Em meados de março de 2020, ocorreu o primeiro impacto: as escolas foram fechadas, e as aulas foram suspensas por tempo indeterminado (LUPION, 2020). As crianças eram o principal alvo na tentativa de se conter um surto iminente. Acreditava-se que seria por pouco tempo, passageiro e ligeiro, porém o que se presencia até o presente momento é a insegurança e a falta de esperança para com o retorno do ensino presencial. Crianças em casa geraram implicações graves na educação brasileira, como calendário escolar atrasado, conteúdo interrompido, cobranças e grandes incertezas (LUPION, 2020).

Com a evolução da pandemia e imprecisão do retorno presencial das aulas, o presidente Jair Bolsonaro publicou, em 01/04/2020, a Medida Provisória 934, que desobrigava as instituições de ensino a cumprirem o mínimo de 200 dias letivos exigidos por lei, desde que mantidas as 800 horas mínimas de aulas. Essa alternativa já está prevista na Lei de Diretrizes e Bases em situações de emergência, o que faz com que as escolas tenham liberdade para decidir sobre os conteúdos a serem transmitidos aos alunos (AGÊNCIA BRASIL, 2020).

Todavia, a medida não soluciona os problemas enfrentados por gestores e professores, que procuram manter os alunos ativos nos conteúdos pedagógicos mesmo estando longe do ambiente da sala de aula. A partir disso, surgiram vários problemas, como a falta de conhecimento quanto ao manuseio de tecnologias e recursos adequados, suporte pedagógico, de equipamentos e materiais, falta de treinamento (LUPION, 2020). Com a busca para repor o tempo perdido, entra em jogo, a favor da educação, o sistema de ensino que chamamos de “Novo Normal”, a integração entre a educação e a tecnologia. Esse sistema consiste no uso das conhecidas TICs para recursos pedagógicos, aulas remotas síncronas e assíncronas, plataformas para meios de comunicações, entre outros (OLIVEIRA; CARREIRO, 2020).

Desse modo, questiona-se: de que maneira o professor e o aluno estão agindo diante desse “novo normal”? Qual foi o impacto para os discentes na introdução das novas tecnologias durante o período da pandemia? Portanto, o presente artigo tem por objetivo analisar as transformações no ensino e nas práticas de ensino no sistema remoto, conhecido como o “novo normal”, apresentadas no contexto de crise sanitária em virtude da pandemia da COVID-19. Para isso, realizou-se uma pesquisa survey com a aplicação de um questionário estruturado a docentes e discentes de todo o Brasil, abrangendo todas as modalidades de ensino, de modo a verificar o impacto do ensino remoto em sua função como docente, bem como avaliar os impactos no ensino sob a perspectiva dos discentes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação em tempo de “modernidade líquida”

De acordo com Bauman (2001), vive-se em “tempos líquidos”, em que os valores se transformam de maneira cada vez mais rápida. Antes do século XXI, existia o controle das modificações ocorridas no mundo, que acontecia de maneira lenta e controlada. Contudo, nos tempos atuais, não se tem mais controle frente as mudanças que estão ocorrendo de maneira exponencial. O que antes era certeza, hoje se vive num mundo das incertezas. Bauman (2001) chama atenção para a “liquefação” das formas sociais: o trabalho, a família, o engajamento político, o amor, a amizade e, por fim, a nossa própria identidade. Essa situação produz angústia, ansiedade constante e o medo líquido: temor do desemprego, da violência, de ficar para trás, e principalmente de não se encaixar mais nesse novo mundo que muda num ritmo cada vez mais veloz. A pandemia do novo coronavírus só intensificou e deve continuar intensificando esse processo de liquidez (BAUMAN, 2001)

Com a pandemia esse processo se intensificou e as transformações se tornaram comuns, atuando diretamente em todos os setores: o social, o cultural e, principalmente, o educacional, que precisou se “reinventar” diante das novas formas de interação social, rompendo completamente com o paradigma da educação tradicional, que durou por mais de três séculos e que aos poucos está se desfazendo nesse novo mundo de incertezas.

A educação tradicional: a quebra de um paradigma

A educação tradicional se confunde com a origem da escola como uma instituição de ensino. Foi através desse paradigma que a prática educacional formal se estabeleceu e se tornou um modelo de referência em todo o mundo. De acordo com Behrens e Oliari (2007), no paradigma da educação tradicional, destacam-se algumas características pautadas na filosofia da essência de Rousseau, que, de certo modo, acreditava na criação de sistemas nacionais de ensino, que por muito tempo foi responsável pela escolarização de boa parte dos indivíduos. Nessa forma de educação, o educando assume uma postura passiva no processo de ensino e aprendizagem, enquanto o professor é considerado o detentor do saber; as experiências dos discentes não são levadas em conta na prática pedagógica; além disso, o espaço físico disponibilizado para aprendizagem se limita à sua carteira.

Ainda segundo os referidos autores, a educação tradicional tem por objetivo a transmissão do conhecimento acumulado através da história, o qual é repassado como verdade absoluta. Leão (1999) aponta em consonância com Behrens e Oliari (2007) as características do paradigma da educação tradicional, entretanto, esse autor afirma que é importante a transmissão de todo esse acúmulo cultural, destacando assim o seu lado

positivo. Ainda assim, afirma que a discussão viável a se fazer refere-se aos procedimentos pedagógicos utilizados no processo, no modo como possibilitar ao aluno o contato com esse currículo.

O modelo educacional tradicional tem sido questionado diante das mudanças sociais sofridas até hoje. Os tempos mudaram e, com isso, métodos, currículo, tempos e espaços precisam ser questionados. A escola tradicional, fruto desse paradigma, gera resultados previsíveis, visto que é padronizada, ignorando fatores que extrapolam os muros institucionais, seguindo os mesmos procedimentos e, por ser assim, ela não produz formação de alunos proativos, colaborativos, empreendedores (MORAN, 2020).

Com a pandemia, essas características estão diretamente relacionadas com a educação, uma vez que os alunos não estão tendo o contato presencial com seus professores, transformando o ensino a distância e na educação em híbrida em opções que daqui em diante estarão sempre presentes, inclusive na após a pandemia.

Ensino Híbrido

Um dos grandes temas que a têm discutido nas mídias é o ensino híbrido como ferramenta para o pós pandemia. Contudo, deve-se entender o que significa e sua importância na educação.

O ensino híbrido dispõe de variadas definições, entretanto todas elas apontam para duas vias de aprendizagem, a saber: o modelo presencial, aquele em que o processo ocorre em sala de aula, de acordo com a metodologia tradicional; e o modelo online, aquele que se apropria das tecnologias digitais. Em se tratando do ensino superior, a ênfase do uso desse termo está correlacionada ao ensino à distância (EaD); nesse caso, a metodologia tradicional e a distância trabalham em conjunto, sendo que algumas disciplinas são presenciais e outras a distância. Enfim, o termo “híbrido” remete a ideia de que a aprendizagem é constante e que existem várias formas de se adquirir o aprendizado (BACICH, 2016).

Hoffman (2016) considera que as técnicas e os processos metodológicos propostos pelo ensino híbrido precisam ser propagados a fim de transformar o modo de fazer na educação. A proposta do ensino híbrido mescla variadas metodologias e práticas pedagógicas, apresentando, portanto, modelos inovadores e tradicionais e pode ser uma das soluções a serem usadas durante a pós pandemia. Portanto, para que a educação híbrida se estabeleça, a escola deve se transformar através da aplicação de novas tecnologias no espaço da sala de aula.

A importância das novas tecnologias na sala de aula

As novas tecnologias influenciam o ensino e principalmente, todo o sistema educacional, devendo ser aplicadas também na realidade de todos. Sua aplicação não se trata apenas de recursos tecnológicos, mas de utilizá-los a favor da aprendizagem, em

prol da educação, por isso depende de uma mediação pedagógica. Para José Moran (2020, p. 1):

[...] as tecnologias digitais hoje são muitas, acessíveis, instantâneas e podem ser utilizadas para aprender em qualquer lugar, tempo e de múltiplas formas. O que faz a diferença não são os aplicativos, mas estarem nas mãos de educadores, gestores (e estudantes) com uma mente aberta e criativa, capaz de encantar, de fazer sonhar, de inspirar.

Atualmente há inúmeros desafios na educação brasileira, com a equidade, ampliando o acesso dos discentes, não importando se eles estão em regiões vulneráveis ou até geograficamente dispersos, mas que possam ter acesso aos recursos de qualidade. Consegue-se, também, personalizar melhor a educação fazendo com que cada um possa encontrar a sua melhor maneira de aprender e também a enfrentar a qualidade, oferecendo recursos digitais cada vez mais diversificados, dinâmicos e interativos que auxiliam os alunos a entenderem e aplicarem os conhecimentos, apoiando o professor e lhe oferecendo a oportunidade de criar novas estratégias pedagógicas para que a educação esteja disponível a toda hora e em todo lugar, com cada vez mais autonomia para o aluno.

Vivemos em uma nova sociedade, com novas tecnologias, com um novo perfil de aluno que possui celulares, notebooks, internet, ou seja, vivendo um novo contexto social. Levar esses recursos para a educação é fundamental, mas o que se discute é se o aluno que está diante dessas tecnologias e de uma quantidade maior de informações aprenderá mais. A resposta pode ser positiva desde que o docente organize e planeje seus recursos pedagógicos de forma que estes se encontrem alinhados com a faixa etária do estudante. Segundo Cysneiros (1999, p. 18):

[...] a presença da tecnologia na escola, mesmo com bons softwares, não estimula os professores a repensarem seus modos de ensinar nem os alunos a adotarem novos modos de aprender. Como ocorre em outras áreas da atividade humana, professores e alunos precisam aprender a tirar vantagens de tais artefatos. Um bisturi a laser não transforma um médico em bom cirurgião, embora um bom cirurgião possa fazer muito mais se dispuser da melhor tecnologia médica, em contextos apropriados.

A aprendizagem só será possível se houver a união de tecnologia como um recurso pedagógico. As tecnologias têm sido muito utilizadas para ensinar, mas não para educar pessoas, ou seja, há uma visão distorcida sobre o uso dessas tecnologias e também um uso distorcido delas.

Pereira e Silva (2008, p. 1 *apud* VIEIRA, 2003, p.151) definem tecnologias de informação e comunicação educacionais como:

(...) os meios, os apoios, as ferramentas que utilizamos para que os alunos aprendam. A forma como os organizamos em grupos, em salas, em outros espaços isso também é tecnologia. O

giz que escreve na lousa é tecnologia de comunicação e uma boa organização da escrita facilita e muito a aprendizagem. A forma de olhar, de gesticular, de falar com os outros isso também é tecnologia. O livro, a revista e o jornal são tecnologias fundamentais para a gestão e para a aprendizagem e ainda não sabemos utilizá-las adequadamente. O gravador, o retroprojetor, a televisão, o vídeo também são tecnologias importantes e também muito mal utilizadas, em geral.

As mudanças na educação devem partir dos professores. É preciso que eles tenham curiosidade, que desafiem e estimulem seus alunos, que se relacionem com seus alunos por meio de diálogo, com abertura e flexibilidade, que sejam humildes para ensinar o que sabem, mas também que estejam abertos para aprender aquilo que não sabem. Elas também dependem dos administradores, diretores, coordenadores e alunos; estes precisam querer aprender e participar, ser mais comprometidos e curiosos.

METODOLOGIA

Para que se atinja o objetivo exposto, o presente trabalho propôs-se, primeiro, a analisar informações teóricas sobre o tema a partir de uma pesquisa bibliográfica realizada em artigos e livros publicados acerca do assunto. De acordo com Mascarenhas (2012), esse tipo de pesquisa tem o foco na investigação de materiais já publicados sobre o assunto e, segundo Lakatos e Marconi (2010), seu propósito é explorar diretamente o acervo de trabalhos e pesquisas, tendo como base os mais variados tipos de registros, possibilitando maiores informações sobre o tema. Apesar de ser um tema bem atual, foram selecionadas muitas referências relacionadas as mudanças da educação e novas tecnologias aplicadas à sala de aula.

Optou-se por utilizar uma abordagem de caráter quantitativo, baseada no levantamento survey interseccional, que se assemelha a uma pesquisa de censo na qual examinamos uma amostra da população por um determinado espaço de tempo (no caso, entre julho e outubro de 2020) (BRYMAN, 1989). Segundo Moresi (2003, p. 64), a pesquisa quantitativa “é especialmente projetada para gerar medidas precisas e confiáveis que permitam uma análise estatística”; assim, trata-se de uma pesquisa objetiva, centrada na obtenção de resultados concretos.

Mascarenhas (2012) afirma que a abordagem quantitativa se apoia na análise de dados coletados, tratando de informações que possam ser quantificadas, utilizando técnicas estatísticas. O referido autor ainda aponta que pesquisas quantitativas fornecem parâmetros mais confiáveis para que se alcancem determinadas conclusões, pois tais técnicas minimizam a chance de o estudo tornar-se partidário, impossibilitando que o pesquisador interfira no resultado.

Diante da situação de pandemia, que requer distanciamento social, utilizamos o método da ferramenta Google Formulários, disponível na plataforma Google online

(questionário do docente e questionário do discente). O questionário docente conta com 18 perguntas fechadas a fim de avaliar a forma de trabalho do docente em tempos de pandemia. Já o questionário do discente conta com 11 questões fechadas, que têm por objetivo avaliar a forma como o regime remoto está sendo implantado. Assim, pretende-se entender de que modo foi implantada essa educação remota e qual a opinião dos discentes e os desafios frente a essa modalidade de ensino.

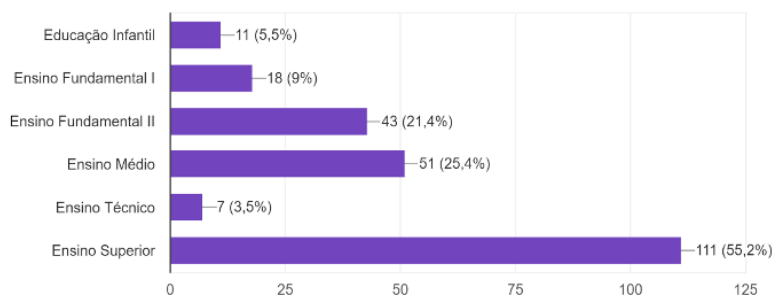
O questionário, de acordo com Gil (1999, p. 128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.” Os questionários foram construídos com a finalidade de dar conta da pesquisa survey que seria um levantamento de informações amplas, gerais e comparativas, contando com um número grande de participantes (NIND, 2019). O foco desta pesquisa abrange todos os segmentos da educação, da educação infantil até a pós-graduação, seja educação pública ou privada, em todas as partes do Brasil, a fim de que se possam compreender como esse “novo normal” está sendo implantado na educação.

ANÁLISE DE RESULTADOS

A pesquisa foi realizada nos meses de agosto, setembro e outubro e contou com a participação de discentes e docentes de todo o País que estão inseridos no Regime Remoto. Por se tratar de uma pesquisa survey, o número de participantes ficou em aberto. Desse modo, foram enviados os dois formulários para vários grupos de professores e discentes de diversas instituições de ensino do Brasil.

O questionário do docente contou com a participação de 201 professores de diversas instituições e modalidades (Gráfico 1):

Gráfico 1: Você é docente de que modalidade?



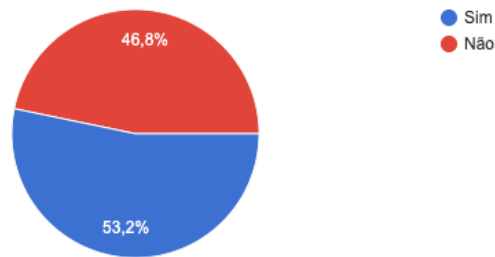
Fonte: dados da pesquisa.

É nítida a participação do ensino superior no regime remoto, com 111 participantes (55,2%). De acordo com Mugnol (2009), o ensino superior desde o início do século XXI já vem buscando inovação referente ao uso das novas tecnologias de informação

e comunicação, portanto a transposição para um modelo remoto foi considerada mais tranquilo em relação às outras modalidades de ensino.

Dos 201 docentes entrevistados na pesquisa, 101 (50,2%) estão na rede particular de ensino, enquanto 100 (49,8%) estão na rede pública. No que diz respeito à capacitação para o regime remoto, o resultado obtido está no Gráfico 2.

Gráfico 2: Você teve algum tipo de capacitação para o uso das tecnologias durante a sua formação docente?



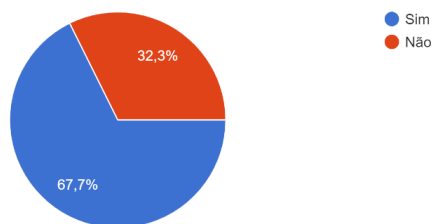
Fonte: dados da pesquisa.

Constatou-se que a maioria (53,2%) dos docentes teve algum tipo de capacitação para o regime remoto, enquanto 46,8% não foram capacitados. De acordo com Tajra (2007, p. 122), "os professores devem ser capacitados, precisam ser capacitados e é a mola mestra para o sucesso de implantação desses recursos no ambiente educacional". Portanto, a capacitação se faz necessária para o docente a fim de que a aprendizagem se torne efetiva, principalmente no momento de isolamento social.

Também questionamos os docentes sobre a busca por capacitação antes do regime remoto (Gráfico 3).

Gráfico 3: Antes do regime remoto, buscou algum tipo de formação para o uso das tecnologias da informação e comunicação?

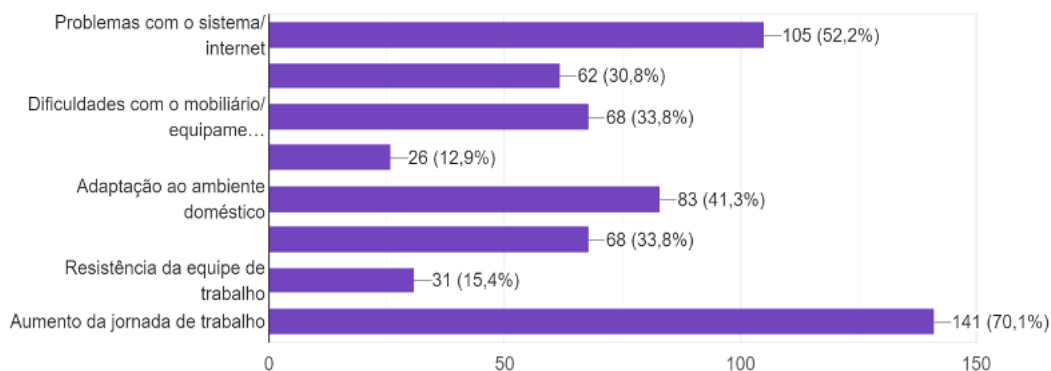
Antes do regime remoto buscou algum tipo de formação para o uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC's)?
201 respostas



Fonte: dados da pesquisa.

Sobre a questão das tecnologias, boa parte dos docentes (67,7%) respondeu que antes da pandemia já tinha alguma formação para o uso de tecnologias da informação e comunicação, o que demonstra que já existia um movimento de docentes que se preocupavam em inovar em sala de aula. Por esse motivo, ao se questionar sobre a facilidade de lidar com as tecnologias, a maioria (73,6%) respondeu não ter dificuldades nesse aspecto.

Gráfico 4: Quais as principais dificuldades enfrentadas durante o regime de trabalho remoto?

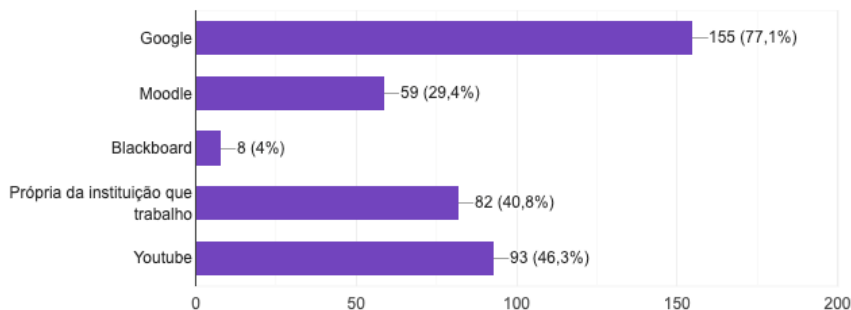


Fonte: dados da pesquisa.

No que diz respeito à aquisição de equipamento, a maioria (64,7%) dispunha de todo o equipamento para desempenhar suas funções no regime remoto.

O Gráfico nos mostra a preferência pelas ferramentas Google nas instituições de ensino no Brasil, já que a maioria (77,1%) dos pesquisados utiliza a ferramenta Google como plataforma, enquanto 29,4% utilizam o Moodle, evidenciando que, mesmo que essa plataforma seja grátis e possua uma ampla gama de ferramentas inseridas no ambiente virtual, a maioria prefere fazer uso das plataforma da Google.

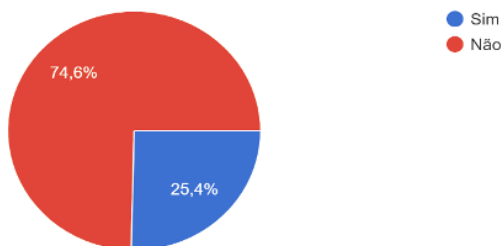
Gráfico 5: Quais as plataformas utilizadas durante o período de Home Office?



Fonte: dados da pesquisa.

Foi questionado aos participantes da pesquisa se nas atividades remotas existia algum tipo de tecnologia voltada para a inclusão, e o resultado está exposto no Gráfico 6.

Gráfico 6: Existiu algum tipo de tecnologia voltada para inclusão?

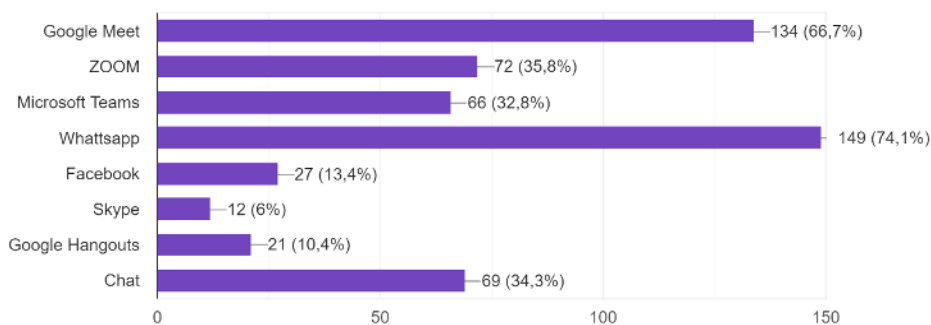


Fonte: dados da pesquisa.

A maioria dos respondentes afirmou que não existia qualquer tipo de tecnologia voltada para a inclusão (74,6%). De acordo com Warschauer (2006), a tecnologia deve proporcionar ao discentes, além de conhecimento, a inclusão no processo de ensino aprendizagem, e não pode de forma alguma ser um fator de segregação.

No que se relaciona à questão dos aplicativos utilizados como comunicação com os alunos durante as aulas, o WhatsApp se revelou como uma ferramenta de grande utilização pelos docentes.

Gráfico 7: Quais os aplicativos utilizados para comunicação com os alunos?

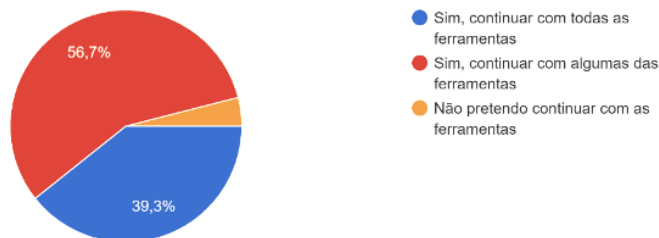


Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com Pelissoli (2004), as ferramentas m-learning (mobile learning) em que se define o WhatsApp promovem maior interação entre os envolvidos e podem se tornar auxiliares no processo de ensino aprendizagem, embora, segundo o autor, elas não tenham sido criadas para tal finalidade, portanto devem ser apenas um auxílio e não a ferramenta principal no regime remoto. Para isso, o docente deve fazer uso dos Ambiente Virtuais de Aprendizagem (AVA), que foram criados com essa finalidade de aprendizagem.

O Gráfico 8 mostra a percepção dos entrevistados sobre a questão de as ferramentas digitais utilizadas acompanharem o docente em sua vida profissional após a pandemia.

Gráfico 8: Após o período de isolamento, pretende continuar com a utilização das tecnologias aprendidas?

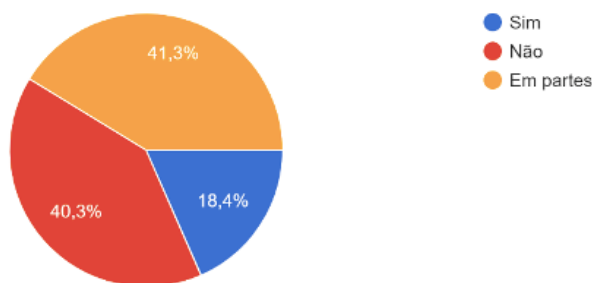


Fonte: dados da pesquisa.

A maioria (56,7%) dos docentes utilizará algumas ferramentas digitais aprendidas durante o período da pandemia, o que demonstra que os docentes estão iniciando o processo de mudança e inserindo novas tecnologias em sala de aula, conforme destacam Pereira e Silva (2008, p. 1 *apud* VIEIRA, 2003), reafirmando a importância de se integrar as tecnologias no ensino. O processo vivenciado pelo regime remoto seria o catalisador da conscientização da importância das TICs no espaço de sala de aula.

Contudo, para a concretização desse cenário, um dos pontos fundamentais dentro do ensino remoto seria a gestão, responsável por incentivar a inovação e gerir o processo de ensino aprendizagem.

Gráfico 9: Você sentiu que a gestão da sua instituição estava preparada para administrar o teletrabalho?



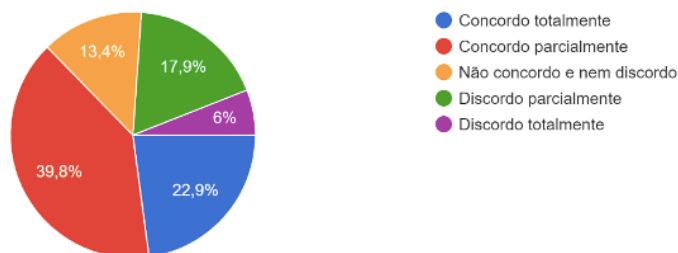
Fonte: dados da pesquisa.

A maioria (40,3%) dos docentes respondeu que a gestão não se encontrava preparada para assumir tamanho desafio (Gráfico 9).

No que se relaciona à questão de produtividade (Figura 10) durante o período que

os docentes ficaram em home office, o Gráfico 10 apresenta o resultado obtido.

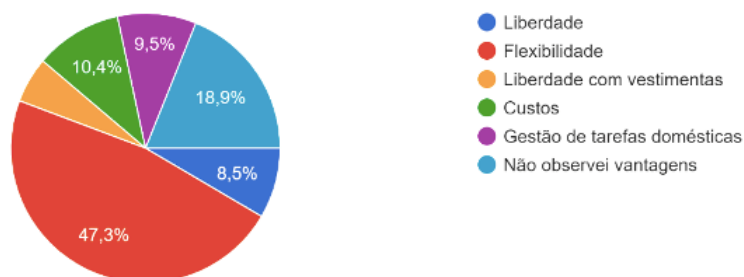
Gráfico 10: Você teve grande produtividade no home office?



Fonte: dados da pesquisa.

Está evidente, portanto, um impasse em relação ao home office, pois a maioria (39,8%) informou que seu trabalho é parcialmente produtivo em casa. Isso demonstra o meio termo em relação a essa nova modalidade de trabalho. Contudo, a pergunta seguinte revelou que os docentes acreditam que a grande vantagem em relação ao home office seria a liberdade proporcionada.

Gráfico 11: Quais as vantagens do Home Office?

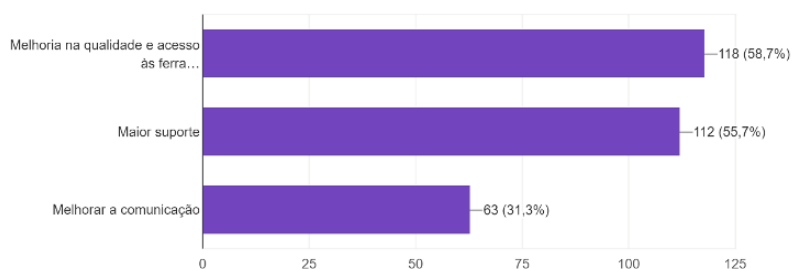


Fonte: dados da pesquisa.

A última pergunta do questionário diz respeito às sugestões de melhorias para o aperfeiçoamento do ensino remoto. Percebe-se que os docentes querem a melhoria da qualidade e o acesso a ferramentas, além de um maior suporte por parte da gestão.

O Gráfico 12 evidencia a opinião dos discentes sobre o modo de aperfeiçoar o tele trabalho.

Gráfico 12: Sugestões para aperfeiçoar o teletrabalho

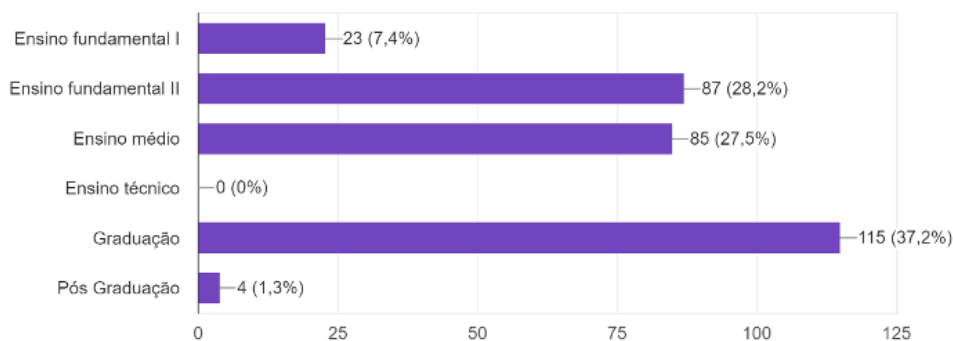


Fonte: dados da pesquisa.

Um dos pontos mais importantes destacados pelos docentes seria a melhoria da qualidade de acesso às ferramentas (58,7%), seguido de suporte aos docentes (55,7%). Essa informação mostra que, embora as capacitações existam, elas precisam ser aprimoradas de modo que ofereçam esse suporte e deem mais acesso às ferramentas. Para os discentes, foi organizado um questionário com onze questões fechadas sobre a regime remoto que estava sendo cumprido. A pesquisa contou com a participação de trezentos e nove discentes de várias partes do Brasil e de diversos níveis de ensino, aos quais foram enviados questionários via WhatsApp.

No que concerne o nível de ensino, o Gráfico 13 nos mostra os resultados obtidos:

Gráfico 13: Qual o seu nível de ensino em curso?



Fonte: dados da pesquisa.

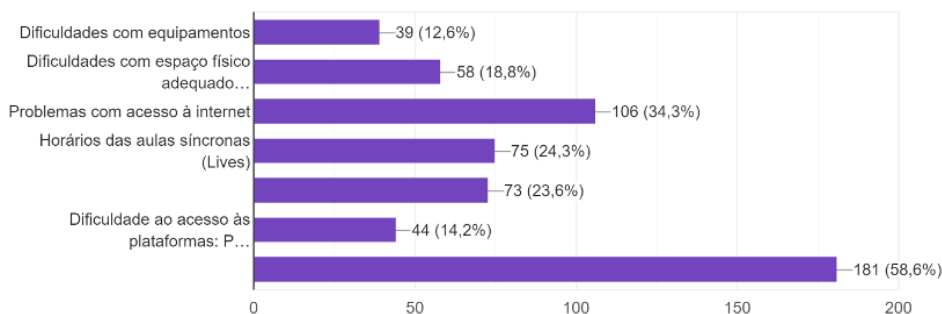
Ao analisar o gráfico, percebe-se que a maioria dos que responderam à pesquisa são alunos do ensino superior (37,2%). Quanto à rede de ensino frequentada por esses alunos, a maioria está na pública (58,2%).

Para a concretização do ensino remoto, boa parte (87,7%) dos discentes que responderam o questionário possui equipamentos para a realização do regime remoto. Isso demonstra que boa parcela dos discentes já possuía equipamento, uma vez que, ao serem questionados sobre o apoio para aquisição de equipamentos para o regime

remoto, apenas 36,2% deles admitiram que receberam algum tipo de apoio para ter acesso aos equipamentos necessários

Foi perguntado aos discentes sobre as dificuldades enfrentadas durante o regime remoto, as quais estão discriminadas no Gráfico 14.

Gráfico 14: Quais as principais dificuldades enfrentadas durante o regime remoto de estudos?

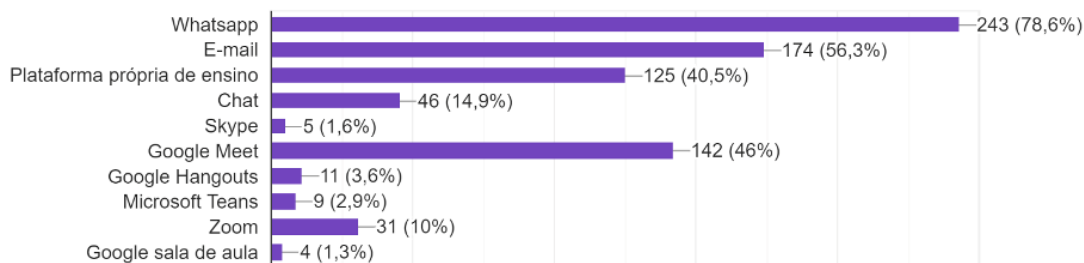


Fonte: dados da pesquisa.

Os participantes foram questionados sobre as principais dificuldades enfrentadas pelo ensino remoto, verificando-se que o principal desafio é ter acesso às plataformas (58,6%), enquanto o acesso à internet ficou em segundo lugar (34,3%).

No que diz respeito à questão dos meios de comunicação utilizados durante o regime remoto, grande parte dos discentes utiliza como ferramenta de comunicação o WhatsApp, seguido por e-mail.

Gráfico 15: Qual o meio de comunicação você utiliza?

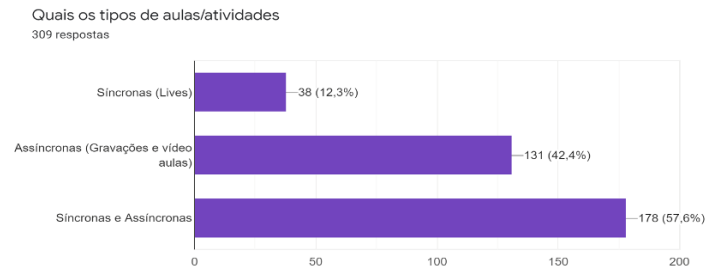


Fonte: dados da pesquisa.

Assim como os docentes, os discentes também fazem o uso em massa do WhatsApp como ferramenta de comunicação durante o regime remoto. De acordo com Saboia, Vargas e Viva (2013), a utilização do WhatsApp se deve ao fato de a comunicação ocorrer quase que em tempo real entre discentes e docentes, promovendo assim maior interação.

O Gráfico 16 traz o resultado do questionamento quanto às atividades realizadas durante o período de regime remoto.

Gráfico 16: Quais os tipos de aulas/atividades realizados em regime remoto?

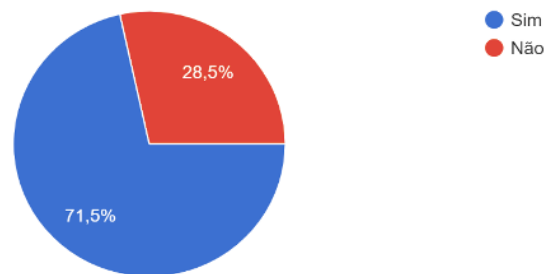


Fonte: dados da pesquisa.

Em relação aos tipos de atividades, a maioria das pessoas que responderam ao questionário (57,6%) intercalam entre atividades sincronas (ao vivo) e assíncronas (vídeo aula), o que evidencia uma mescla nas atividades aplicadas durante o ensino remoto. De acordo com Moran (2015), a educação deve ser sempre híbrida, mista, mesclando diversas ferramentas de aprendizagem, promovendo assim uma disruptura no processo de ensino. Para isso, a instituição de ensino deve fornecer apoio pedagógico para os discentes se acostumarem com essa nova prática pedagógico. De acordo com a pesquisa, 83,2% das instituições fornecem qualquer tipo de apoio pedagógico para o exercícios das funções.

Sobre a questão da inclusão, questionamos os discentes sobre a utilização de ferramentas voltadas para a inclusão.

Gráfico 17: Na sua escola/instituição utilizam-se ferramentas tecnológicas voltadas para inclusão?



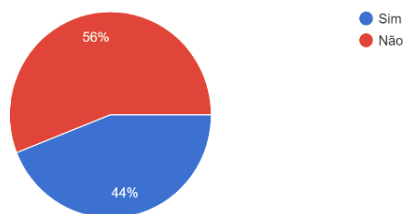
Fonte: dados da pesquisa.

Sobre a questão da inclusão, foi obtida uma resposta negativa, contrariamente à dos discentes, que responderam positivamente, portanto conclui-se que a percepção do discente e a do docente são contraditórias na perspectiva e interpretação da inclusão no ensino aprendizagem.

Para finalizar a pesquisa, os discentes foram questionados se o sistema remoto está satisfatório, e a grande maioria informou que não está satisfeita (63,1%). Todavia, ao

questionar se eles se manteriam no ensino híbrido, 44% informaram que sim (Gráfico 18).

Gráfico 18: Você se manteria dentro do ensino híbrido (ensino online/offline)?



Fonte: dados da pesquisa.

Verifica-se, portanto, que uma parcela considerável se manteria no regime híbrido, evidenciando que a resistência dos discentes a essa forma de regime está aos poucos se tornando menor. A pesquisa revelou que as barreiras do ensino híbrido que combina aprendizado online com o offline estão aos poucos sendo derrubadas, potencializando cada vez mais uma das maiores tendências educacionais do século XXI.

CONCLUSÃO

O presente artigo teve por objetivo analisar as transformações no ensino e nas práticas de ensino no sistema remoto, conhecido como o “novo normal”, apresentadas no contexto de crise sanitária em virtude da CoVid-19. Para isso, realizamos uma pesquisa em nível nacional envolvendo docentes e discentes. Através da aplicação de dois questionários pode-se perceber que as tecnologias antes usadas esporadicamente estão se tornando um denominador comum no ensino aprendizagem, uma vez que é através das ferramentas tecnológicas que professores e alunos se tornaram conectados e o ensino prosseguiu com adaptação.

O Ministério da Educação sinalizou que o ensino híbrido pode ser usado até o fim de 2021. Isso quer dizer que essa nova modalidade de ensino pode ser desenvolvida e usada em várias instituições de ensino, inclusive na educação básica, que, antes da pandemia, ainda possuía resistência em relação ao uso de tecnologias e principalmente ao ensino híbrido.

Conclui-se que, mesmo diante dessas mudanças de paradigmas aceleradas pela pandemia, faz-se necessário ressaltar que, apesar de as novas tecnologias se tornarem ferramentas de grande valia, ainda existem desafios a serem superados, como é o caso da inclusão e da formação continuada do docente.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL BRASÍLIA. **MP dispensa escolas de cumprirem mínimo de 200 dias letivos**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-04/mp-dispensa-escolas-de-cumprirem-minimo-de-200-dias-letivos>. Acesso em: 5 set. 2020.

AQUINO, Estela M. L. et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. suppl 1, p. 2423-2446, jun. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020006702423&tlng=pt. Acesso em: 5 set. 2020.

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2016.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEHRENS, M. A.; OLIARI, A. L. T. A evolução dos paradigmas na educação: do pensamento científico tradicional à complexidade. **Revista Diálogo Educacional**, v. 7, n. 22, p. 53-66, set./dez. 2007.

BRYMAN, Alan. **Research methods and organization studies**. Great Britain: Routledge, 1989.

CYSNEIROS, Paulo G. Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora? IX ENDIPE. Águas de Lindóia, São Paulo, maio 1999. Anais II, v. 1/1, p. 199-216. Republicado em: **Revista Informática Educativa** (Bogotá, Colombia, Universidad de los Andres), v. 12, n. 1, maio 1999, p. 11-24.

HOFFMAN, Jussara Maria Lerch. **Pontos e contrapontos, do pensar ao agir em avaliação**. 10. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEAO, Denise Maria Maciel. Paradigmas Contemporâneos de Educação: Escola Tradicional e Escola Construtivista. **Cad. Pesqui.** [online], 1999, n. 107, p. 187-206.

LIMA, Danilo Lopes Ferreira et al. COVID-19 no estado do Ceará, Brasil: comportamentos e crenças na chegada da pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 5, p. 1575-1586, maio 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020000501575&tlng=pt. Acesso em: 5 set. 2020.

LUPION, Bruno. **Como a pandemia de coronavírus impacta o ensino o Brasil**. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-a-pandemia-de-coronavirus-impacta-o-ensino-no-brasil/a-53008677>. Acesso em: 5 set. 2020.

MAAS, ADRIANO. **Coronavírus no mundo**: com 24 milhões de casos, número de mortos já chega a 820 mil. Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/coronavirus/30272-casos-coronavirus-mundo>. Acesso em: 5 set. 2020.

MASCARENHAS, Sidnei Augusto. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Brasil confirma primeiro caso da doença**. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>. Acesso em: 5 set. 2020.

MORAN, José. **Educação transformadora**. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/>. Acesso em: 05 out. 2020.

MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf. Acesso em: 02 nov. 2020.

MUGNOL, Marcio. A educação a distância no Brasil: conceitos e fundamentos. **Revista Diálogo Educacional**, [s.l.], v. 9, n. 27, p. 335-349, jul. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/3589>. Acesso em: 01 nov. 2020.

MORESI, E. A. D. **Apostila de metodologia da pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2003.

NIND, Melanie; CURTIN, Alicia; HALL, Kathy. **Métodos de pesquisa para a pedagogia**. Tradução: Caesar Souza. Petrópolis, 2019.

OLIVEIRA, Murilo Alvarenga; CARREIRO, Eduardo de Lima Pinto. O novo normal da educação, quando o virtual não é fictício. **Revista Lagos**, v. 11, n. 1, p. 1-3, 2020. Disponível em: <https://www.lagos.vr.uff.br/index.php/lagos/article/view/353>. Acesso em: 01 nov. 2020.

PELISSOLI, L. **Aprendizado móvel (M-Learning): dispositivos e cenários**. 2004. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/074-TC-C2.htm>. Acesso: 02 nov. 2020.

SABOIA, J.; Vargas, P. L.; Viva, M. A. A. **O uso dos dispositivos móveis no processo de ensino e aprendizagem no meio virtual**. 2013. Disponível em: <http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/cesucavirtual/article/view/424/209>. Acesso em: 02 nov. 2020.

VIEIRA, A.; ALMEIDA, M. E.; ALONSO, M. (orgs.). **Gestão educacional e tecnologia**. São Paulo: Avercamp, 2003.

WARSCHAUER, Mark. **Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate**. São Paulo: Editora Senac, 2006.